

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ANÁPOLIS – UNIEVANGÉLICA  
CURSO DE MEDICINA

**AUTOMEDICAÇÃO ENTRE OS ESTUDANTES DE MEDICINA DE UMA  
INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR DE ANÁPOLIS-GO**

LAYS BARROS DE FARIA  
ANA CAROLINA CAIXETA COSTA  
CARLA CRISTINA FERREIRA COSTA  
FERNANDA CHAVES SILVA  
GABRIELA RAMOS RIBEIRO

ANÁPOLIS - GOIÁS

2020

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ANÁPOLIS – UNIEVANGÉLICA  
CURSO DE MEDICINA

**AUTOMEDICAÇÃO ENTRE OS ESTUDANTES DE MEDICINA DE UMA  
INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR DE ANÁPOLIS-GO**

Trabalho de curso apresentado à  
disciplina de Iniciação Científica do Curso de  
Medicina da UniEVANGÉLICA, Anápolis-GO,  
sob a orientação do Prof<sup>a</sup> Ms. Luciana Caetano  
Fernandes.

ANÁPOLIS - GOIÁS

2020

## PARECER FAVORÁVEL DO ORIENTADOR

À Coordenação de Iniciação Científica - Curso de Medicina – UniEvangélica

Eu, Prof(a) Orientadora Luciana Caetano Fernandesvenho, respeitosamente, informar a essa Coordenação, que os(as) acadêmicos(as) Lays Barros de Faria, Ana Carolina Caixeta Costa, Carla Cristina Ferreira Costa, Fernanda Chaves Silva, Gabriela Ramos Ribeiro, estão com a versão final do trabalho intitulado Automedicação entre os estudantes de medicina de uma instituição de ensino superior de Anápolis-GO pronta para ser entregue a essa coordenação.

Observações:

---

---

---

Anápolis, 16 de novembro de 2020

Luciana Caetano Fernandes

Professora Orientadora

## RESUMO

A automedicação é considerada a prática de ingerir medicamentos sem o aconselhamento e/ou acompanhamento de um profissional de saúde qualificado, ou seja, é a ingestão de medicamentos por conta e riscos próprios. Essa pode ser potencialmente danosa à saúde principalmente pelo fato de que nenhum medicamento é inócuo ao organismo. Desta forma, este trabalho teve por objetivo identificar a prevalência da automedicação entre os estudantes de medicina de uma instituição particular de ensino superior de Anápolis-GO, a partir de caracterização do perfil desses estudantes, dos principais medicamentos mais utilizados, da comparação entre os períodos de graduação e da identificação do conhecimento desses alunos sobre a automedicação. Trata-se de um estudo quantitativo e descritivo, desenvolvido com alunos do 1º ao 8º período com a aplicação de um questionário online. No estudo, foi aplicado um questionário para 226 estudantes do 1º e 8º períodos, onde 93,8% deles praticam a automedicação e 90,7% (n=205) afirmam conhecer os possíveis efeitos. Os medicamentos mais utilizados foram os analgésicos/antitérmicos com 72,1% seguidos de AINES com 49,1% e antialérgicos/anti-histamínicos com 40,3%. Não houve diferença em relação ao sexo, idade e renda entre os grupos de 1º e 8º períodos que se automedicam. Houve associação significativa entre períodos na presença da automedicação, sendo que, todos os participantes do terceiro, quarto e sétimo período relataram 100% de automedicação. Esses resultados demonstram um alto consumo de medicamentos por estes estudantes, contrariando o senso de que como futuros profissionais da saúde o consumo de medicamentos nessa classe deve ser mais consciente.

**Palavras Chaves:** Educação médica, Automedicação, Hábitos de consumo de Medicamentos.

## **ABSTRACT**

Self-medication is considered the practice of drug ingestion without the advice and / or monitoring of a qualified health professional, that is, it is the ingestion of medications at their own risk. Despite being considered by some experts as a form of self-care, it can be potentially harmful to health mainly because no medicine is harmless to the body. Thus, this work seeks to identify a focus of self-medication among medical students from a private higher education institution in Anápolis-GO, based on the characterization of the student profile, the main most used drugs, and the comparison between undergraduate periods. and identifying students' knowledge about self-medication. It is a quantitative, descriptive and explanatory study, developed with students from the 1st to the 8th period with the application of an online questionnaire. In the study, a questionnaire was made to 226 students from the 1st and 8th periods, with 93.8% of them reporting that they practice self-medication, and 90.7% (n = 205) of the participants said they knew the possible effects. were analgesics / antipyretics with 72.1% followed by NSAIDs with 49.1% and antiallergic / antihistamines with 40.3%. As women practice more self-medication, 94%, as well as the 18-24 age group, 93.9%. There was no difference in relation to sex, age and income between the groups of 1st and 8th periods that self-medicate. There was an association between periods in the presence of self-medication, and all participants in the third, fourth and seventh periods reported 100% self-medication. These results demonstrate a high consumption of medicines by these students, contradicting the sense that as future health professionals the consumption of medicines in this class should be more conscious.

**Keywords:** Medical Education, Self-medication, Medication consumption habits.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2. OBJETIVOS.....</b>	<b>9</b>
2.1 Objetivo geral.....	9
2.2 Objetivos específicos.....	9
<b>3. REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>10</b>
3.1 Epidemiologia da automedicação.....	10
3.2 Principais causas da automedicação.....	12
3.3 Fármacos utilizados na automedicação.....	14
3.4 Acesso aos medicamentos pelos estudantes.....	15
3.5 Efeitos adversos na automedicação.....	16
<b>4. METODOLOGIA.....</b>	<b>19</b>
4.1 Tipo de estudo.....	19
4.2 População e amostra.....	19
4.3 Coleta de dados.....	19
4.4. Critérios de inclusão e exclusão.....	20
4.5. Análise de dados.....	20
4.6 Aspectos éticos.....	20
<b>5. RESULTADOS.....</b>	<b>21</b>
<b>6. DISCUSSÃO.....</b>	<b>24</b>
<b>7. CONCLUSÕES.....</b>	<b>28</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>29</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>33</b>
Apêndice 1: Termo de consentimento livre e esclarecido.....	34
Apêndice 2: Consentimento da participação participante da pesquisa .....	37
Apêndice 3: Cartilha.....	38
<b>ANEXOS.....</b>	<b>39</b>
Anexo 1: Questionário teórico da automedicação em estudantes de medicina...39	
Anexo 2: Parecer consubstanciado do CEP .....	41

## 1. INTRODUÇÃO

A automedicação é estabelecida como o uso do medicamento sem a prescrição, orientação e/ou acompanhamento do médico ou odontólogo (BRASIL, 1998). Embora haja medicamentos que podem ser adquiridos sem prescrição médica, o doente não deve fazer uso indevido dos mesmos (ALBUQUERQUE et al., 2015).

A compra de medicamentos com receitas médicas antigas e, desta forma, inválidas, também é considerada automedicação. Esta prática pode resultar em: reações de hipersensibilidade, consumo de dosagem insatisfatória ou excessiva, enfermidades iatrogênicas, alteração na evolução das doenças, má-formação fetal, mascaramento ou agravamento da doença de base, dependência do medicamento, resistência à ação dos fármacos, entre outros prejuízos a saúde (SILVA et al., 2012).

Nota-se que a automedicação é recorrente nas baixas classes socioeconômicas, porém não é exclusiva destas classes. O estudo conduzido por Silva et al. (2012) indica um consumo cada vez maior de medicamentos entre a população de alto nível socioeconômico e com maior grau de escolaridade. Dessa forma, a prática da automedicação se difundiu na sociedade como um todo, tornando-se algo cultural e natural entre a população brasileira (NAVES et al., 2010).

Devido a esse cenário, a população em geral e até mesmo muitos estudantes têm a ideia de que alguns medicamentos como analgésicos e vitaminas são produtos inofensivos à saúde. Porém, o mesmo medicamento que alivia os sintomas, que traz algum conforto e cura, também pode matar. Observa-se que o uso de antibióticos, embora tenha a obrigatoriedade da receita médica, são vendidos livremente. O seu uso de forma inadequada contribui maciçamente para o mecanismo de resistência bacteriana em todo o mundo (AQUINO; BARROS; SILVA, 2010)

Um dos principais fatores estimuladores da automedicação é o acesso às informações e às propagandas de medicamentos. Laboratórios e companhias farmacêuticas utilizam persuasivas campanhas de publicidade e marketing, nos mais diversos tipos de mídia. Isso faz com que a população tenha a percepção dos medicamentos como mercadoria e reforça a ideia de que é essencial para o consumidor ter aquele produto sempre ao seu alcance (PACHELLI, 2003; SILVA et al., 2012).

Outro grande fator que gera a prática da automedicação é a demora com o atendimento recebido nos serviços de saúde, advinda da burocracia que implica conseguir uma consulta médica, falta de tempo de ir ao médico, baixa qualidade dos postos de saúde e

insucesso em tratamentos anteriores. Por outro lado, o acesso mais rápido e barato aos medicamentos é facilitado por balconistas de farmácias (SOUZA et al.; 2011).

Segundo a Organização Mundial de Saúde, o uso irracional de medicamentos acontece através de várias maneiras, entre elas a utilização de medicamentos inapropriados, em doses inadequadas as necessidades individuais, por períodos inadequados de tempo. Dessa maneira, a presente pesquisa se justificou no atual cenário acadêmico devido ao uso abusivo e indiscriminado de fármacos no meio acadêmico sem uma instrução de um profissional qualificado (FERNANDES; CEMBRANELLI, 2015).

Com relação aos estudantes universitários, em particular os da área da saúde, os estudos apontam uma alta frequência de automedicação e tal prática pode ser decorrente da autoconfiança, advinda do conhecimento teórico e prático adquirido durante a graduação, o fácil acesso a medicamentos devido ao contato direto com profissionais da área da saúde. Apesar dos estudantes de medicina estarem mais susceptíveis à automedicação devido a seu conhecimento, são escassas as investigações sobre grupo. Estudos sobre o perfil da automedicação são importantes para a estruturação adequada das práticas acadêmicas, já que o graduando, futuro médico, será um ator importante para a educação em saúde (CHEHUEN et al., 2006; SILVA et al., 2012).

No que se refere aos graduandos das ciências de saúde, há esperança de que os mesmos tenham uma conduta condizente com a sua formação profissional e sua prática diária, estando aptos para orientar sobre o uso racional de medicamentos. Entretanto, nota-se um a frustração quanto a esse exercício da automedicação nessa classe, desenvolvendo a necessidade de educação e a implantação de intervenções educativas ainda na graduação (TOGNOLI et al., 2019).

A fim de contribuir para o esclarecimento de alguns questionamentos sobre a automedicação entre os estudantes do curso de medicina, este estudo visa identificar a prevalência da mesma entre os estudantes de medicina de uma instituição de ensino superior de Anápolis – Goiás.



## **2. OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo geral**

- Identificar a prevalência e fatores relacionados à prática da automedicação entre os acadêmicos do curso de medicina de uma instituição de ensino superior de Anápolis – Goiás.

### **2.2 Objetivos específicos**

- Comparar a proporção da automedicação entre os diferentes períodos de graduação;
- Caracterizar o perfil sociodemográfico dos estudantes de medicina que se automedicam;
- Identificar os principais medicamentos utilizados;
- Identificar o nível de conhecimento sobre a automedicação nos diferentes períodos.

### **3. REVISÃO DE LITERATURA**

#### **3.1 Epidemiologia da automedicação**

A automedicação é uma atividade antiga e amplamente difundida em todas as partes do mundo, se mostrando como uma maneira de autodiagnóstico e autotratamento realizado sem antes passar por uma orientação de um profissional especializado (DOMBROSKI; NETO, 2017).

A automedicação é, portanto o consumo de determinado medicamento sem orientação ou prescrição de um agente de saúde responsável por tal procedimento, na qual o próprio paciente decide qual o melhor medicamento para tratar sua doença ou sintomas. Assim como a reutilização de prescrições médicas antigas também é considerada automedicação (VITOR et al., 2008).

É fundamental diferenciar o conceito de autoprescrição e automedicação responsável. A primeira está relacionada ao consumo por conta própria de medicamentos que somente devem ser prescritos por médicos. Já o segundo conceito refere-se à prática recomendada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) relacionada ao consumo de medicamentos isentos de prescrição médica. Essa prática é indicada para situações autorreconhecíveis, com segurança, eficácia e qualidade comprovadas, sob a orientação e o acompanhamento do farmacêutico. A automedicação e a autoprescrição são favorecidas por uma deficiência na qualidade da dispensação dos medicamentos (SILVA; PIVETA, 2015).

Em um estudo feito por Arrais et al. (2016) foi constatado que dentre os medicamentos mais utilizados na prática da automedicação, 48,5% são isentos de prescrição médica. Continuando na pesquisa, das 41.433 pessoas entrevistadas, a prevalência é maior no sexo feminino, na faixa etária de 20-39 anos e entre os indivíduos com o nível de escolaridade maior ou igual a 12 anos de estudo.

Além disso, nesta mesma tese, a maior prevalência ocorreu no Nordeste com 23,8% e Centro-Oeste com a prevalência de 19,2%. Em todas as regiões brasileiras, a hegemonia também aumentou com a escolaridade e o melhor nível socioeconômico, com exceção do Nordeste. No quesito anos de escolaridade, pessoas que estudaram durante 9 a 11 anos fizeram uso da automedicação 19% e acima de 12 anos, 19,4%. Quanto a classe A, B e C, a prevalência foi de 16,3%, já a D e E, 15,8% (ARRAIS et al., 2016).

A prática de medicar-se por conta própria é popularizada em quase todas as idades, porém a multiplicação dessa prática entre acadêmicos de curso superior tem chamado

à atenção para as razões que levam os graduandos a se medicarem sem o aconselhamento de um profissional capacitado. Uma vez que universitários têm acesso a muitas informações e dados, sendo considerados membros instruídos da população, esse assunto se torna relevante (QUINTAL; SARMENTO; RAPOSO, 2015).

A automedicação é um problema de saúde pública, e cabe às autoridades de saúde e aos governos o dever de fornecer informações sobre as desvantagens dessa conduta, a fim de conscientizar a sociedade sobre essa prática que muitos julgam ser inofensiva (ALVES; MALAFAIA, 2014). Questões de segurança são uma grande preocupação, pois muitas doenças têm sintomas semelhantes. Além disso, o risco de automedicação é aumentado se o indivíduo não tem conhecimento e compreensão da doença. Esta prática está associada com um risco aumentado de diagnóstico errado, reações adversas medicamentosas (RAMs), abuso e abuso de drogas (ALBUSALIH et al., 2017).

Na automedicação entre estudantes universitários, pesquisado por Oliveira et al. (2019), foi encontrado praticamente dois terços dos participantes (65,34%) com idade entre 20 a 24 anos, mais da metade (58,75%) do sexo feminino, sendo que 95,87% dos estudantes entrevistados já consumiram medicamentos sem receita médica, 64,54% leram a bula dos medicamentos e 84,34% possuem conhecimento acerca dos possíveis efeitos adversos.

Quanto a pesquisa de Cruz et al. (2019), observou-se a prática da automedicação entre os jovens universitários em 78% dos entrevistados, sendo 41% do sexo masculino e 59% do sexo feminino. Dentre os estudantes da área da saúde, 39,6% já fez ou faz uso de medicamentos sem prescrição médica e 42,2% estava ciente da possibilidade de efeitos colaterais.

Estudo realizado com 789 acadêmicos da Universidade Federal do Rio Grande observou que 86,4% automedicavam, sendo que entre os 446 estudantes da área de saúde a prevalência foi de 88,5%. Não houve diferença significativa entre o grupo de acadêmicos da área de saúde e o grupo não da área de saúde (CORREA; SOARES; BAISCH, 2012).

O estudo de Castro, Mello e Fernandes (2016), observaram a automedicação entre 90% dos estudantes da área de saúde em São José dos Campos (SP). Já a pesquisa com os estudantes universitários da área de saúde da Universidade Estadual do Amazonas (UEA), detectou uma prevalência de 89% de automedicação (IURAS et al., 2016). Um estudo com estudantes de da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), observou uma prevalência de 76% (GAMA; SECOLI, 2017).

Aquino et al (2010) realizaram um estudo transversal com 223 estudantes dos cursos da área de saúde de uma universidade pública do município do Recife-PE e

observaram que 65,5% usaram medicamentos sem prescrição nos últimos 15 dias. Com relação à indicação, a percentagem dos que referiram a existência de uma prescrição médica foi de 42,3% e aqueles que se automedicaram, que foram influenciados pela mídia, por parentes, amigos, balconistas de farmácia, somaram 57,7% das pessoas. Quanto à etapa do curso, 39% estavam entre 4º e 6º período e acima do 7º período, 24,2%.

Em relação a automedicação entre estudantes universitários em Goiás, Alves e Malafaia (2014) observaram em sua pesquisa no Instituto Federal de Goiás (IFG), do campus de Urutaí-GO, a prevalência de 68,3% entre os 160 estudantes participantes. Já a pesquisa realizada por Souza et al (2011) com universitários do curso de enfermagem da Universidade Federal de Goiás (UFG), em Goiânia-GO, observaram uma prevalência de 38%.

Já em outro estudo, realizado na Universidade Federal de Jataí (GO), com discentes do curso de medicina, as informações indicaram que mais de 90% dos mesmos já compraram medicamentos sem prescrição médica, sendo que não houve diferenças significativas entre os ciclos básico, clínico e internato. Quanto a presença do conhecimento adquirido no meio acadêmico em relação a automedicação houve um aumento gradual da prática com o passar dos períodos (BERNARDES et. al., 2020).

Na pesquisa de Tognoli et. al. (2019), a qual houve participação de 320 discentes do curso de Medicina, foi encontrado 43,44% pessoas com a idade entre 21 e 23 anos; 65,31% eram do sexo feminino. A automedicação esteve presente em 309 (96,56%) dos participantes; destes, sendo que 62,19% usavam medicamentos que não exigiam prescrição; somente 3,44% não utilizavam medicamentos sem consulta e prescrição médica. Dos usuários dessa prática 98,38% admitiam que automedicação pode proporcionar eventuais riscos à Saúde, porém 68,61% acreditavam não haver necessidade de indicação médica para os fármacos escolhidos; 42,40% obtiveram informações adicionais em bula, 22% em Internet, 17,80% em profissionais de Saúde, 13,92% em familiares ou amigos.

Segundo Lopes (2017), os estudantes que praticam automedicação na atualidade provavelmente seguirão no futuro a utilizar medicamentos por conta própria. Vale ressaltar que médicos, farmacêuticos, enfermeiros, dentre outros profissionais de saúde, devem promover o manejo e consumo seguro de medicamentos entre a sociedade, logo é importante se atentar a essa prática quando ainda são acadêmicos para que sejam exemplos no uso consciente de medicamentos.

### 3.2 Principais causas de automedicação

Apesar dos progressos, as dificuldades de acesso, lentidão e baixa qualidade do atendimento nos serviços de saúde permanecem como motivos que contribuem para a prática da automedicação. Somada a esses aspectos, a divulgação de propagandas de medicamentos isentos de prescrição na mídia, a enraizada “farmacinha” caseira nos lares brasileiros e a convicção de que os medicamentos resolvem tudo, constituindo fatores importantes para a prática dessa cultura (ARRAIS et al., 2016).

O marketing e prestígio das indústrias farmacêuticas, juntamente com a ambição pela rápida cura das enfermidades e restauração do bem-estar dos indivíduos, são motivos notáveis para o crescimento dessa conduta no mundo (ALVES; MALAFAIA, 2014). O Ministério da Saúde recomenda que na percepção de alguma patologia é necessário buscar um profissional médico, repulsando a interferência de balconistas, parentes e amigos (CASTRO et al., 2013).

Com base nos preceitos da Política Nacional de Medicamentos, da Secretaria de Políticas de Saúde, um medicamento só deve ser utilizado quando for necessário, cumprir parâmetros de segurança e eficácia, e for prescrito e dispensado por profissionais de saúde, seguindo os fundamentos do Uso Racional de Medicamentos (BRASIL, 1998).

Soma-se a esses fatores, o costume cultural da intervenção familiar, ao longo de muitos anos. É comum pais e familiares medicarem crianças sem aconselhamento e intervenção médica, hábito muito criticado por órgãos de vigilância em saúde (GAROFALO; GIUSEPPE; ANGELILLO, 2014). Nesse sentido, deve-se tomar cuidado com a solicitude de leigos que incentivem a automedicação.

O exercício de se medicar sem orientação médica geralmente está relacionada a enfermidades e incômodos passageiros com baixa gravidade, com predomínio de medicamentos isentos de prescrição médica que são comercializados de maneira livre e muitas vezes banal nas farmácias do país (CRUZ; CARAMONA; GUERREIRO, 2015). É comum também automedicar-se com medicamentos armazenados em casa, advindos de tratamentos anteriores de outras doenças, e que muitas vezes foram aconselhados por vizinhos e familiares e não recomendados pelo prescritor profissional (PATIL et al., 2014).

Os medicamentos sem prescrição apresentam alto uso graças à facilidade na compra e na crença do poder dos medicamentos, o que aumenta a procura pela utilização destes produtos para qualquer transtorno, mesmo sendo uma modificação autolimitada. Sendo assim, o uso indiscriminado destes medicamentos tornou-se uma das grandes dificuldades

confrontadas na saúde pública no país (LIMA; NAVES, 2014).

E um dos principais pretextos para a automedicação entre estudantes e profissionais da medicina permeia-se na segurança do conhecimento com a aceitação do autotratamento, a conservação de impasses individuais e no constrangimento de ser o paciente na situação (BERNARDES et. al., 2020).

### **3.3 Fármacos utilizados na automedicação**

De acordo com o estudo de Arrais et al. (2016), os medicamentos mais consumidos foram a dipirona, associada com dipirona, orfenadrina e cafeína, e o paracetamol. Geralmente, esses medicamentos são os mais encontrados nos domicílios e quase sempre são empregados para aliviar sinais e sintomas agudos, menores ou autolimitados.

Já a pesquisa com os estudantes da Universidade Estadual do Amazonas (UEA), entre os estudantes universitários dos cursos de enfermagem, medicina e medicina dentária, 89% já fizeram uso de medicamentos sem prescrição médica e apenas 11% negaram. Entre os que praticavam a automedicação, os medicamentos eram utilizados para tratar os seguintes sinais ou sintomas: dor de cabeça (24%), dores musculares (13%), dor de garganta (10%), febre (9%), inflamação (8%), dores diversas (7%) (IURAS et al., 2016).

Ainda na mesma pesquisa, para tratar esses sinais, Iuras et al. (2016) observaram-se que os medicamentos mais usados durante o período universitário foram os analgésicos e antipiréticos (35%), anti-inflamatórios (20%), antibióticos (13%), relaxante muscular (8%), seguido de antialérgicos e antigripais, e posterior gastroprotetores, suplementos vitamínicos, ritalina, antiparasitários e outros, representando 12% do total analisado.

Já em um estudo realizado na Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC), avaliando estudantes dos cursos de Medicina, Engenharia Civil, Direito e Pedagogia, os medicamentos elencados como mais empregados na automedicação foram às vitaminas, tranquilizantes e analgésicos, seguidos dos antidepressivos, ansiolíticos e inibidores do sono. Sendo que, de acordo com essa lista de medicamentos, essas classes de fármacos devem ser dispensados somente com apresentação e retenção de receita, com exceção das vitaminas e analgésicos, conforme a portaria 344 de 1998 da Secretaria de Vigilância Sanitária do Ministério da Saúde (SOUZA; HOELLER; GOETZ, 2015).

Na pesquisa de Bernardes et al. (2020), os anti-inflamatórios não esteroidais (AINEs) foram os fármacos mais automedicados entre os estudantes do ciclo básico, clínico e internato, e isso tem a possibilidade de originar sangramento intestinal, úlceras pépticas,

síndrome de Reye; seguido de antibióticos, que pode levar ao desenvolvimento de resistência antimicrobiana, dificultando a terapêutica de doenças bacterianas; e de estimulantes, os quais podem causar síndrome de abstinência e transtornos psiquiátricos diversos.

Quanto aos tipos de medicamentos mais prevalentes no estudo Tognoli et al. (2019) foram destaques os analgésicos, referidos por 229 alunos (11,75%), antiinflamatórios em 209 (10,87%), antigripais em 197 (10,24%), relaxantes musculares em 168 (8,74%) e antitérmicos em 145 (7,54%) dentre os 309 participantes.

Ao analisar as classes de medicamentos mais utilizados, os antipiréticos e analgésicos lideraram o topo com 35,5% e 19,6%, respectivamente. Em terceiro lugar ficou os anti-histamínicos com 0,9% dentre as classes mais utilizadas (CRUZ, et al., 2019).

### **3.4 Acesso aos medicamentos pelos estudantes**

De acordo com Souza, Hoeller e Goetz (2015), os acadêmicos obtiveram acesso a medicamentos (vitaminas, tranquilizantes e analgésicos, antidepressivos, ansiolíticos e inibidor de sonos) em farmácias mesmo sem receita. Dos estudantes avaliados, 14,77% relataram que reutilizavam receituários antigos para conseguir novos medicamentos, sem nenhuma dificuldade de aquisição. A maioria desses praticantes da automedicação tem consciência dos riscos relacionados ao ato, mas continuam a evocar a ela sempre que sentem necessidade. Os discentes analisados por esses autores recorreram a essa prática com o propósito de melhorar o desempenho acadêmico, fazendo uso de medicamentos para combater o cansaço e estresse decorrentes ao curso superior.

Há pesquisadores que acreditam que o campo de estudo do estudante tem interferência direta no hábito de se medicar por conta própria (RIOS et al., 2013). Supõe-se que alunos da área da saúde, possuidores de maior conhecimento sobre farmacologia, sentem-se mais confiantes para se medicarem de forma independente. Sendo assim, não procuram orientação médica e passam a usar livremente medicamentos por admitirem ser capazes de resolver suas próprias enfermidades (GALATO et al., 2012).

Já em outra pesquisa, relacionada aos estudantes de medicina em uma universidade de Belgrado na Sérvia, os acadêmicos dos últimos anos do curso superior são os que mais se automedicavam com regularidade superior em relação aos novatos. No mesmo estudo foi observado que a automedicação é preponderante entre alunos com familiares de baixa escolaridade, sedentários, depressivos e entre o sexo feminino (LUKOVIC et al., 2014).

A esperança é que estudantes e profissionais da área da saúde tivessem bom senso

no manuseio e consumo de medicamentos, principalmente após serem apresentados a conhecimentos e experiências profissionais que atestem os riscos gerados pela utilização irracional de medicamentos (NARCISO, 2013).

A atitude esperada pelos estudantes de medicina é aquela presente em um ambiente com pouca automedicação, fundamentado graças ao raciocínio terapêutico desenvolvido por eles com base nos estudos científicos. Porém, o que se tem é uma convicção na prática, enriquecido pelos conhecimentos adquiridos pelos universitários na vida acadêmica (MORAES, L. G. M. et al.; 2018).

Coelho et al. (2017) observou entre os estudantes da área da saúde da Universidade Federal da Bahia, que os ingressantes tinham idade média de 23 anos e que 18% desses faziam uso da automedicação. Dos novos estudantes que se consideraram saudáveis no ponto de vista de enfermidades, 17% medicavam-se por conta própria.

Estudo realizado em São Paulo, por Martinez et.al. (2014), avaliou a presença de automedicação em estudantes universitários, comparando o grupo de estudantes da área de saúde com as demais áreas (grupo controle). Os autores observaram que um alto nível de automedicação em ambos os grupos, cerca de 40%, não havendo diferença significativa entre ambos. Houve diferença significativa para o uso dos anti-inflamatórios, sendo que o consumo da área da saúde (55,3%) foi significativamente maior do que no grupo-controle (23%). Em relação aos analgésicos e antidepressivo a diferença não foi tão significativa entre os dois grupos.

Iuras et al (2016) realizaram um trabalho sobre automedicação com 180 estudantes dos cursos de Enfermagem, Medicina e Medicina Dentária da Universidade Estadual do Amazonas, onde 89% usavam medicamentos sem prescrição médica. Quando questionados se possuem conhecimento suficiente para se automedicar, 88% dos entrevistados responderam não. Agora, quando questionados se conhecem as reações adversas/efeitos colaterais provocadas pelos medicamentos, 74% responderam sim e 26% não. Desta forma, mesmo afirmando conhecerem os efeitos adversos dos medicamentos, a maioria afirma ainda não possui conhecimento suficiente para se automedicar. Já, quando questionados se já fizeram uso de algum medicamento para ajudá-los no desempenho acadêmico, 75% responderam não e 25% sim, sendo que dos que afirmaram sim, 51% responderam fazer uso de cápsulas de cafeína, 17% de guaraná em pó, 11% metilfenidato, 11% vitaminas/polivitamínicos, 8% piracetan e 2% ginkgobiloba, um medicamento fitoterápico (IURAS et al., 2016).



### 3.5 Efeitos adversos relacionados a pratica da automedicação

Observa-se que um dos grandes problemas com a automedicação é a dificuldade de ter-se o diagnóstico correto de uma enfermidade, além de poder piorar algum processo patológico oculto e causar iatrogenias, reações de hipersensibilidade e interações medicamentosas (MORAES, L. G. M. et al.; 2018).

Apesar de a grande maioria dos medicamentos consumidos pela população serem isentos de prescrição, não se pode menosprezar as possíveis intoxicações e efeitos adversos que eles podem causar a seus usuários. No caso dos anti-inflamatórios não esteroides (AINES), pode-se citar, entre outros, os distúrbios gastrintestinais, reações alérgicas e efeitos renais, como a síndrome nefrótica e insuficiência renal aguda (IRA) (SILVA et al.;2019).

Ao observar-se o grande uso de analgésicos na automedicação, tem-se a alta hegemonia da dor na sociedade em geral, associada à tensão, situação estressante ou demanda física, prejudicando a qualidade de vida. Não obstante a grande maioria dos medicamentos consumidos serem isentos de prescrição, não se pode depreciar os prováveis efeitos adversos que os mesmos podem provocar a seus consumidores. No caso dos analgésicos e anti-inflamatórios não-esteroidais, pode-se citar, entre outros, os distúrbios gastrointestinais, reações alérgicas e efeitos renais (ARRAIS et al., 2016).

No estudo de Martinez et al. (2014) foi feita uma pesquisa com 283 estudantes dos cursos de medicina e enfermagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, os autores evidenciaram que os fármacos opióides podem produzir efeitos como sedação, disforia, euforia, constipação, náusea, vômitos, além de tolerância e dependência. Os antidepressivos podem causar sedação e efeitos anticolinérgicos (boca seca, constipação, visão turva, retenção urinária, etc).

Cerca de metade de todos os medicamentos utilizados em todo o mundo são prescritos, dispensados ou usados irracionalmente, desta forma, cerca de 15 a 20% dos orçamentos dos hospitais é destinado para lidar com as complicações acarretadas pelo mau uso de medicamentos. Diversas classes de medicamentos são utilizadas de maneira irracional através da prática da automedicação, entre os medicamentos utilizados podemos citar os descongestionantes nasais. O seu uso excessivo e a longo prazo levam a contração de diversos outros vasos sanguíneos do organismo, induzindo assim as arritmias cardíacas e favorecendo o desenvolvimento do quadro de hipertensão arterial. Além dos efeitos já citados, o uso inadequado de descongestionantes nasais pode induzir outros quadros patológicos, como citados na literatura, entre eles, síndrome do balonamento apical, acidente vascular encefálico

hemorrágico e depressão neurológica e respiratória (CASTRO; MELLO; FERNANDES, 2016).

Outro medicamento usado rotineiramente de forma indiscriminada são os descongestionantes nasais. Um dos efeitos adversos do uso excessivo é a rinite medicamentosa, ela é a forma de rinite não alérgica crônica causada pelo uso exagerado de descongestionantes nasais tópicos, outro efeito negativo é a possibilidade de induzir alterações nos níveis pressóricos, levando a um quadro de pressão arterial de etiologia secundária, também existe a possibilidade da diminuição da eficácia de drogas antihipertensivas. Além desse efeitos o uso inadequado de descongestionantes nasais pode gerar outros quadros patológicos como a síndrome do balonamento apical, acidente vascular encefálico hemorrágico e depressão neurológica e respiratória (CASTRO, MELLO, FERNANDES;2016).

Na pesquisa de Cruz et al. (2019) dentre as pessoas que se automedicaram, cerca de 30% constataram a ocorrência de efeitos colaterais e 53% admitiram não ler a bula. Os principais efeitos adversos notados foram: alergia, mal estar, ânsia e vômitos.

## 4. METODOLOGIA

### 4.1 Tipo de estudo

Trata-se de um estudo transversal, descritivo, de abordagem quantitativo, que foi desenvolvido com os estudantes do 1º ao 8º período do curso de medicina do Centro Universitário de Anápolis, UniEVANGÉLICA.

### 4.2 População e amostra

Para o cálculo amostral levou-se em consideração uma população de 720 estudantes do primeiro ao oitavo período tendo-se como base que aproximadamente 80% dos estudantes praticam a automedicação teoricamente enquanto que 20% não praticam. Aceitando como fonte de variação dois desvios padrões e o erro aceitável para o cálculo amostral de 5% chegou-se a uma amostra representativa de 226 indivíduos sendo aproximadamente 24 indivíduos por sala. Essa é a amostra mínima representativa calculada pela forma de Levin, 1987.

### 4.3 Coleta de dados

O estudo foi realizado por meio da aplicação de um questionário modificado (Anexo I) para os alunos do 1º ao 8º período do curso de medicina que aceitaram participar do estudo e assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os alunos responderam o questionário online por meio do link ([https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdxgI1TEjQ5FgVJ-VeHenAY0uXne5wfpRXDTN8W0y8RzZqg/viewform?usp=sf\\_link](https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdxgI1TEjQ5FgVJ-VeHenAY0uXne5wfpRXDTN8W0y8RzZqg/viewform?usp=sf_link) HYPERLINK "https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdxgI1TEjQ5FgVJ-VeHenAY0uXne5wfpRXDTN8W0y8RzZqg/viewform?usp=sf\_link"). A coleta de dados foi por meio do questionário virtual devido ao momento de pandemia COVID- 19 a fim de evitar aglomeração e contato pessoal.

O questionário utilizado foi validado através do “Estudo comparativo do uso da automedicação entre universitários da área da saúde e universitários de outras áreas não relacionados à saúde na universidade de Marília- SP”, publicado no Brazilian Journal of Sugery and Clinical Research (BJSCR) no ano de 2018 pelos autores Tarley et al. e adaptado a nossa realidade do estudo.

Dados sociodemográficos como idade e sexo, além do nível de conhecimento sobre automedicação dos estudantes, dependendo do período em que se encontram, foram coletados através do questionário. Foi analisado também qual o medicamento de maior

consumo na prática de automedicação.

#### **4.4. Critério de inclusão e exclusão**

Como critérios de inclusão dos participantes do estudo e para garantir a amostra, estabeleceu-se que os participantes teriam que ter idade igual ou superior a 18 anos. Foram excluídos da participação deste estudo alunos que responderam o questionário incompleto.

#### **4.5. Análise dos dados**

Os dados coletados foram plotados em planilha Excel 2016 e analisados no software Statistical Package for Social Science (SPSS). A estatística descritiva foi expressa como frequência, porcentagens e gráficos.

As proporções que foram obtidas para cada variável qualitativa são determinadas para o grupo total (frequência esperada -  $F_e$ ) e comparadas com as frequências de cada grupo, denominada de frequência observada ( $F_o$ ). Essas frequências ( $F_o \times F_e$ ) foram comparadas pelo teste Qui-Quadrado e quando necessário a correção de Likelihood Ratio. As variáveis analisadas foram período, ciclo básico e clínico, sociodemográficas e automedicação. Foi considerado diferente estatisticamente quando o valor de  $p$  foi menor que 0,05.

#### **4.6. Aspectos éticos**

O presente estudo seguiu a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da UniEVANGÉLICA e aprovado com o número do parecer 3.730.151 (Anexo II).

A pesquisa traz como benefício a conscientização acerca da automedicação entre estudantes de medicina por meio da cartilha entregue aos participantes. O risco a que os participantes estão inseridos inclui o reconhecimento de suas identidades, o qual será evitado com o uso de códigos que substituem suas identificações.

## 5. RESULTADOS

Participaram da pesquisa 226 estudantes do curso de medicina, sendo 80,5% do sexo feminino e 95,5% (212 discentes) tinham entre 18 e 24 anos de idade. A maioria dos participantes era do 5º, 8º e 2º período do curso, com 21,2%, 19,4% e 16,37%. A renda familiar de quase 80% dos alunos é acima de quatro salários mínimos.

Em relação ao principal objetivo dessa pesquisa observou-se que 93,8% dos participantes afirmaram que já usaram e compraram medicamentos sem prescrição médica (automedicação), sendo que 94% das mulheres (n=171) e 93,1% dos homens responderam que se automedica. Não observou-se diferença entre os sexos para a automedicação (p=0,850).

Em relação à faixa etária, 93,9% dos estudantes de 18 a 24 anos e 92,9% dos acima de 24 anos respectivamente, se automedicou nos últimos anos. Também não houve diferença quanto à faixa etária dos estudantes em relação à automedicação (p=0,882).

**Tabela 1:** Comparação do perfil de automedicação do estudante de medicina por período de curso. Anápolis, GO, 2020.

Automedicação			
Período	Não	Sim	Total
	% (n)	% (n)	n
1º	13,6 (3)	86,4 (19)	22
2º	10,8 (4)	89,2 (33)	37
3º	0 (0)	100 (14)	14
4º	0 (0)	100 (29)	29
5º	4,2 (2)	95,8 (46)	48
6º	16,7 (4)	83,3 (20)	24
7º	0 (0)	100 (8)	8
8º	2,3 (1)	97,7 (43)	44
<b>Total</b>	6,2 (14)	93,8 (212)	226

Na tabela 1, pode se observar a distribuição da frequência de alunos por período que automedicaram no último ano. 100% dos acadêmicos do terceiro, quarto e sétimos períodos que participaram da pesquisa, relataram que praticaram a automedicação no último ano, seguido quinto período com quase 96% e o primeiro período foi o que apresentou menor

frequência de automedicação (86,4%).

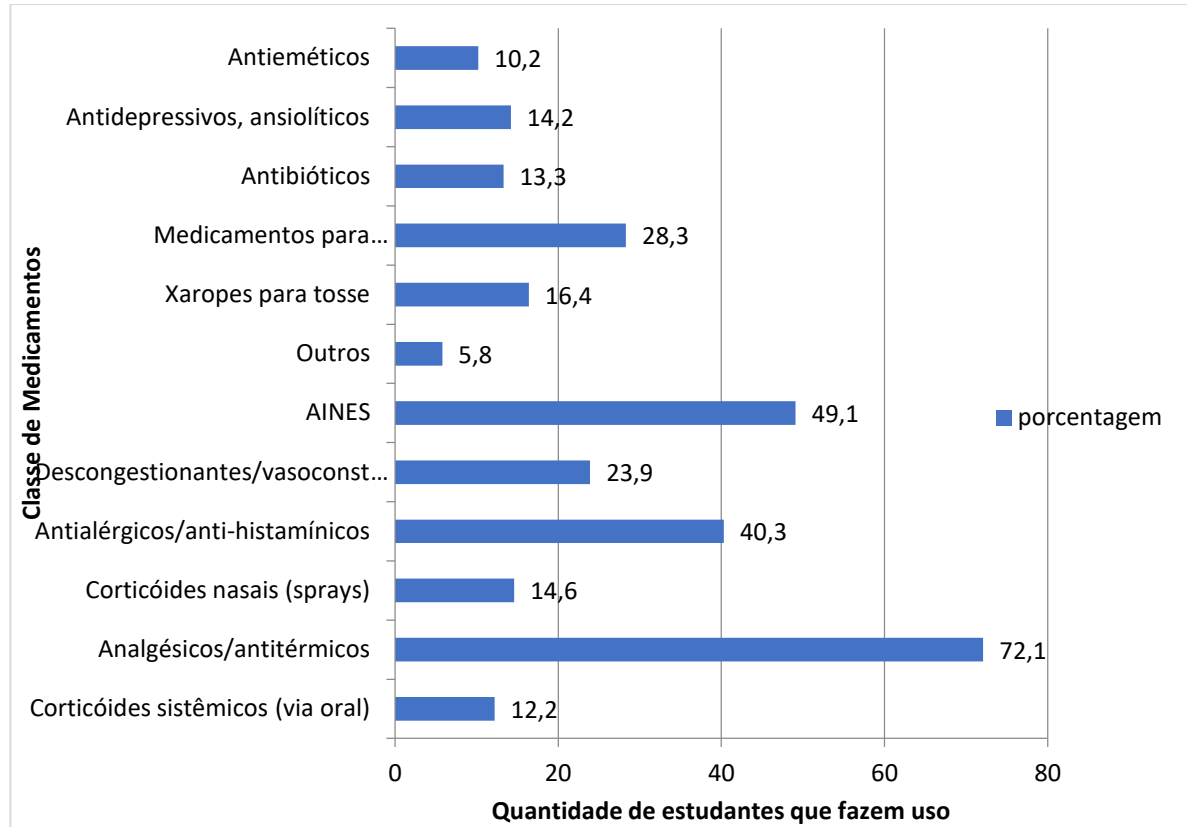
Houve associação significativa entre períodos e a presença de automedicação ( $p=0,046$ ) foi notada quando foram analisados os dados conforme os períodos dos estudantes. As proporções foram testadas pelo teste Qui-Quadrado.

Comparando o ciclo básico (1° ao 4° período) com o ciclo clínico (5° ao 8° período), observou-se que 93,1% ( $n=95$ ) no ciclo básico *versus* 94,4% ( $n=117$ ) dos estudantes ciclo clínico automedicam (Tabela 2). Não houve diferença significativa entre os ciclos ( $p=0,706$ ).

**Tabela 2:** Comparação da frequência de automedicação entre o ciclo básico e o ciclo clínico entre os acadêmicos de medicina de uma instituição de ensino. Anápolis, GO. 2020.

Ciclo de formação	Automedicação		
	Não% (n)	Sim% (n)	Total
<b>Básico</b>	6,9 (7)	93,1 (95)	102
<b>Clínico</b>	5,6 (7)	94,4 (117)	124
<b>Total</b>	6,2 (14)	93,8 (212)	226

No gráfico 1 pode se observar as principais classes de medicamentos utilizados pelos estudantes sem prescrição médica. A maioria utilizou analgésicos/antieméticos, 72,1% ( $n=163$ ) e a segunda classe mais utilizada foi os anti-inflamatórios não esteroidais (AINES) 49,1% ( $n=111$ ), seguida de antialérgicos e anti-histamínicos, 40,3% ( $n=91$ ). Cerca de 12% dos estudantes (29) fizeram uso de corticosteróides.



**Gráfico 1** : Principais classes de medicamentos utilizadas pelos participantes, acadêmicos de Medicina. Anápolis, GO. 2020.

Quando questionados sobre o conhecimento acerca dos efeitos colaterais da automedicação, 90,7% (n=205) dos participantes afirmaram conhecer os possíveis efeitos; e 9,2% (n=21) relatam terem pouco ou nenhum conhecimento sobre os potenciais riscos de efeitos colaterais do medicamento. Segundo os participantes (77,7%), a automedicação melhorou o quadro da doença e apenas 5,7% relataram ter tido algum efeito colateral.

## 6. DISCUSSÃO

Os resultados obtidos nessa pesquisa, demonstra uma elevada prática da automedicação entre os estudantes de medicina. Resultados semelhantes aos dessa pesquisa realizada também foram encontrados em um estudo feito nesse ano de 2020. O estudo foi realizado no estado de Goiás na cidade de Jataí com estudantes de medicina da universidade federal (UFJ) mostrou que mais de 90% dos discentes de medicina fazem compra de medicamentos sem prescrição médica. (BERNARDES et al., 2020).

A análise dos dados apresentados demonstra a preocupação sobre uma prática tão disseminada entre futuros profissionais da saúde, a qual pode não apenas prejudicar o paciente na forma de efeitos adversos ou reações relacionadas aos medicamentos, mas também pode aumentar os custos diretos, incluindo despesas do tratamento e internação hospitalar (ALBUSALIH et al., 2017).

Quintal, Sarmiento e Raposo (2015) afirmam que a prática de medicar-se por conta própria é popularizada em quase todas as idades, porém a multiplicação dessa prática entre acadêmicos de curso superior tem chamado à atenção para as razões que levam os graduandos a se medicarem sem o aconselhamento de um profissional capacitado. Uma vez que universitários têm acesso a muitas informações e dados, sendo considerados membros instruídos da população, esse assunto se torna relevante.

Segundo Lopes (2017), médicos, farmacêuticos, enfermeiros, dentre outros profissionais de saúde, devem promover o manejo e consumo seguro de medicamentos entre a sociedade, logo é importante se atentar a essa prática quando ainda são acadêmicos para que sejam exemplos no uso consciente de medicamentos. Já Bernardes et. al. (2020) justificam a automedicação pelo fato de que muitos acadêmicos de medicina, que possuem conhecimento incompleto sobre a prática médica, e limitada experiência, podem agir como profissionais habilitados e utilizar as mesmas justificativas que esses usam para a automedicação.

Em relação à automedicação por período, não houve diferença significativa entre o ciclo básico com o clínico. Os resultados desse estudo corrobora os achados por Bernardes et al (2020) pois nele evidenciou-se uma alta incidência de automedicação entre os estudantes de medicina de uma universidade pública em Jataí-GO, sem diferença entre os ciclos básico, clínico e internato.

Diferentemente dos resultados do presente estudo, Tognoli et. al. (2019) observaram uma maior prevalência de automedicação entre os alunos 4º ano do curso de Medicina automedicação. Segundo os autores, isso pressupõe que aquisição gradual de conhecimento ao



longo da formação e maior experiência de vida possam tornar acadêmicos mais confiantes para se automedicar.

O estudo de Chehuen et. al. (2006), mostra que cerca de 86,52% dos entrevistados lêem a bula do medicamento que irão ingerir, a qual é um instrumento para informar o usuário, mas também pode gerar uma sensação superficial de domínio do saber médico. Tais dados podem ser visto também neste estudo em questão, onde 62% do total dos universitários do último ano lêem a bula dos medicamentos, já os estudantes universitários do primeiro ano que lêem a bula totalizam apenas 31%. Esses valores indicam que o maior conhecimento desperta nos jovens a preocupação de se informarem melhor sobre o medicamento antes do consumo.

Observou-se nesse estudo uma taxa de prática de automedicação um pouco maior entre as mulheres. As pesquisas de Aquino et.al (2010), de Tognoli et. al (2019) e de Cruz et. al. (2019), também apontam para uma maior prevalência de automedicação entre as mulheres. Uma das justificativas seria devido à exposição das mulheres a medicamentos em todas as fases de sua vida, maior busca por cuidados e campanhas mais voltadas a elas. Assim, a despreocupação maior do sexo masculino com a saúde pode levá-lo a adquirir menos medicamentos por conta e riscos próprios, enquanto a preocupação maior da mulher com a beleza e jovialidade.

Em relação à idade, neste presente estudo não houve diferença significativa na prevalência entre os estudantes com a faixa etária entre os 18 aos 24 anos e os estudantes acima de 24 anos. Este resultado segue a mesma linha da pesquisa de Rios et. al. (2013) em que ao analisar a automedicação por faixa etária, não houve diferença significativa entre as prevalências, mostrando que os alunos de 15 a 18 anos corresponderam a 53,2% e os acima de 19 anos correspondiam a 46,8%.

Os medicamentos mais usados pelos estudantes nesse estudo foram os analgésicos/antitérmicos (72,1%) seguido dos AINES (49,1%) e dos antialérgicos/anti-histamínicos (40,3). Esses dados corrobora os achados de Cruz et. al. (2019) e de Tonoli et. al. (2019), que também acharam os analgésicos/antitérmicos seguido pelos AINES como os mais consumidos entre os participantes de sua pesquisa. Já o estudo de Iuras et. al. (2016), encontrou também os mesmos medicamentos porém com menor frequência: analgésicos/antitérmicos (35%), seguido dos anti-inflamatórios (20%).

Segundo Galato et. al. (2012), os motivos relacionados à saúde que mais fazem os universitários recorrerem a medicamentos sem prescrição são cefaléia, resfriado, febre e infecção de gargante respectivamente. Desta forma, devido à alta prevalência de uso de

analgésicos em todas estas pesquisas citadas, é de suma importância atentar para os possíveis efeitos adversos causados por esta classe, a qual possui a maioria dos fármacos de venda livre.

Evidenciou-se que 90,7% dos estudantes entrevistados nesta pesquisa disseram ter conhecimento acerca dos efeitos da automedicação. Diante desta alta taxa de conhecimento sobre os efeitos da automedicação, não se esperava sua prática tão significativa entre os estudantes como foi encontrada nesta pesquisa. Pode-se indagar, portanto, que na maioria dos casos, o conhecimento dos possíveis danos e riscos à saúde não impede os estudantes de se automedicarem.

Resultados semelhantes ao de nosso estudo foram encontrados na pesquisa de Tognoli et. al. (2019), o qual observou que 98,4% dos participantes possuem conhecimento dos riscos da automedicação. Isso demonstra que a maioria das pessoas conhecem os perigos dessa prática e mesmo assim se automedicam, o que destaca a imprescindibilidade de orientações sobre o tema ao longo do curso.

A pesquisa de Oliveira et. al. (2019) vai também ao encontro desta ao ressaltar que os altos índices de automedicação (95,87%), encontrados no meio acadêmico, parecem não provocar maiores preocupações quanto às consequências e possíveis efeitos adversos, visto que os dados revelam que 84,34% dos estudantes “possuem conhecimento dos possíveis efeitos adversos”.

Resultados diferentes ao de nosso estudo, foram verificados por Sousa e Sena (2016) e Cruz et. al. (2019), onde 76% e 46,15%, respectivamente, informaram que não possuíam conhecimento adequado para a automedicação. O estudo de Cruz difere dos demais por ter em sua população participante do estudo, apenas 13% de estudantes da área de saúde. Mesmo assim, observou-se uma alta prevalência de prática da automedicação entre os jovens universitários entrevistados, 78%.

Nesta pesquisa, 77,7% dos participantes afirmaram melhora do quadro após uso do medicamento e apenas 4,62% afirmaram ter apresentado efeitos colaterais. Estudos como o de Bernardes et. al. (2020) mostra a dificuldade na quantificação desses efeitos colaterais uma vez que são informações subjetivas e de difícil comprovação.

Algumas limitações são inerentes do presente estudo e merecem ser destacadas. A investigação pode apresentar viés de informação, pois a automedicação foi aferida pelo autorrelato do entrevistado, sem comprovações objetivas. Outra limitação a considerar é a exclusão dos medicamentos fitoterápicos e homeopáticos, que pode subestimar a prevalência da automedicação entre os estudantes de medicina. Adicionalmente, entrevistados que possuíam prescrições antigas e sem validade podem ter respondido que utilizavam o

medicamento mediante prescrição, fato que pode subestimar a prevalência da automedicação. Além disso, há fatores não investigados, relacionados com a prática da automedicação, a exemplo da indicação de consumo, variável que poderia explicar a real motivação para a prática e seus fatores associados, a depender de futuros estudos.

Os resultados desse estudo demonstram então alta prevalência de automedicação entre os estudantes e conhecimento prévio dos efeitos colaterais. Isso demonstra a necessidade de uma educação sobre o tema automedicação ainda no início da formação do estudante e torna relevante refletir uma mudança na proposta pedagógica dos cursos de graduação em Medicina.

## 7. CONCLUSÕES

Conclui-se, com base nos resultados deste estudo, que existe uma alta prevalência de estudantes do curso de medicina do centro universitário de Anápolis que se automedicam. Em relação a avaliação sociodemográfica, não houve diferença significativa entre os sexos e entre as faixas etárias para automedicação. Quando comparado o período cursado pelo estudante, notou-se que todos os alunos do terceiro, quarto e sétimo período se automedicam, seguido do quinto e primeiro período. Em relação ao ciclo básico e clínico também não houve diferença significativa.

Os medicamentos mais utilizados foram analgésicos/ antitérmicos, anti-inflamatórios não esteroides e antialérgicos/anti-histamínicos. A maioria dos acadêmicos que responderam a pesquisa relataram conhecer os efeitos da automedicação e mesmo assim a praticam.

Dessa forma, cabe ressaltar que a orientação sobre os efeitos da automedicação devem ser reforçados nas instituições de ensino superior, mesmo nos cursos da área da saúde, especialmente no curso de medicina. Além disso, novas pesquisas e políticas sobre automedicação podem ser incrementadas nas faculdades a fim de tornar público o conhecimento sobre essa prática.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, L. M. A. et al. Avaliando a Automedicação em Estudantes do Curso de Medicina da Universidade Federal Da Paraíba (UFPB). **Revista Medicina & Pesquisa**, v. 1, n. 1, p.39-50, 2015.

ALBUSALIH, F. A. et al. Prevalence of Self-Medication among Students of Pharmacy and Medicine Colleges of a Public Sector University in Dammam City, Saudi Arabia. **Pharmacy (Basel)**, v. 5, n. 3, p. 51, 2017.

AQUINO, D. S.; BARROS, J. A. C.; SILVA, M. D. P. Self-medication and health academic staff. **Ciencia & saude coletiva**, v. 15, n. 5, p. 2533-2538, 2010.

ARRAIS, P. S. D. et al. Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. **Revista de Saúde Pública**, v. 50, n. 2, p.13, 2016.

ALVES, T. A.; MALAFAIA, G. Automedicação Entre Estudantes de uma Instituição de Ensino Superior de Goiás. **Abcs Health Sciences**, [s.l], v. 39, n. 3, p.153-159, 2014.

BRASIL. Ministério da saúde. Secretaria de Políticas de Saúde Departamento de Formulação de Políticas de Saúde. **POLÍTICA NACIONAL DE MEDICAMENTOS**. Série C. Projetos, Programas e Relatórios, n. 25. Brasília: Ministério da Saúde, 1988

\_\_\_\_\_. Ministério da saúde. Secretaria de Políticas de Saúde Departamento de Formulação de Políticas de Saúde. **Portaria nº 3. 916 de 30 de Outubro de 1998**. Brasília: Ministério da Saúde, 1998.

BERNARDES, H. C. et al. Perfil epidemiológico de automedicação entre acadêmicos de medicina de uma universidade pública brasileira. **Braz. J. Hea. Rev.**, v. 3, n. 4, p. 8631-8643, 2020.

CASTRO, G. L. G. et al. Uso de Benzodiazepínicos como Automedicação: Consequências do Uso Abusivo, Dependência, Farmacovigilância e Farmacoepidemiologia. **Revista Interdisciplinar: Centro Universitário Uninovafapi**, v. 6, n. 1, p.112-123, 2013.

CASTRO, L. N.; MELLO, M. M.; FERNANDES, W. S. Avaliação da prática de automedicação com descongestionantes nasais por estudantes da área da saúde. **J Health SciInst**, v.3, n.34, p.163-167, 2016.

CHEHUEN, J. A. N. et al. Automedicação entre Estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora. **HU Rev**, v. 32, p. 59-64, 2006.

COELHO, M. T. A. et al. Relação entre a autopercepção do estado de saúde e a automedicação entre estudantes universitários. **Journal Bahiana**, v. 6, n.1, 2017.

CORREIA, M. G. S; SOARES, M. C. F.; BAISCH, A. L. M. Self-medication in university students from the city of Rio Grande, Brazil. **BMC Public Health**, v. 12, n. 339, 2012.

CRUZ, E. S. et al. Incidência da automedicação entre jovens universitários da área da saúde e de humanas. **Revista Saúde UniToledo**, v. 03, n. 01, p. 02-12, 2019.

CRUZ, P. S.; CARAMONA, M.; GUERREIRO, M. P. Uma Reflexão Sobre A Automedicação E Medicamentos Não Sujeitos A Receita Médica Em Portugal. **Revista Portuguesa de Farmacoterapia**, v. 7, n. 2, p. 83-90, 2015.

DOMBROSKI, R. D. P.; NETO, P. T. A Prática Da Automedicação Entre Estudantes Da Área Da Saúde De Uma Instituição De Ensino Superior Do Município De Cacoal-Ro. **Repertório Digital Facimed**, v. 5, 2017.

DOMINGUES, P. H. F. et al. Prevalência da automedicação na população adulta do Brasil: revisão sistemática. **Revista de Saúde Pública**, v. 49, 2015.

FERNANDES, W. S.; CEMBRANELLI, J. C. Automedicação e o uso irracional de medicamentos: o papel do profissional farmacêutico no combate a essas práticas. **Revista Univap**, v. 21, n. 37, 2015.

GALATO, D. et al. Automedicação em Estudantes Universitários: A Influência da

Área de Formação. 2012. 8 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Farmácia, **Núcleo de Pesquisa em Atenção Farmacêutica e Estudos de Utilização de Medicamentos**, 2012.

GAROFALO, L.; GIUSEPPE, G. D.; ANGELILLO, I. F. Self-medication practices among parents in Italy. **BioMed Research International**, v. 2015, p. 1-8, 2015.

GAMA, A. S. M.; SECOLI, S. R. Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas – Brasil. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 38, n. 1, e. 65111, 2017

IURAS, A. et al. Prevalência da automedicação entre estudantes da Universidade do Estado do Amazonas (Brasil). **Revista Portuguesa de Estomatologia, Medicina Dentária e Cirurgia Maxilofacial**, v. 57, n. 2, p. 104-111, 2016

LIMA, R. F.; NAVES, J. O. S. Práticas Educativas Voltadas À Automedicação: Revisão Integrativa. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**, [s.l.], v. 5, n. 1, p.2830-2849, 2014.

LOPES, A. D. M. Automedicação entre graduandos das áreas de saúde e exatas da faculdade ciências da vida na cidade de sete lagoas/mg. **Revista Brasileira de Ciências da Vida**, v. 5, n. 1, 2017.

LUKOVIC, J. A. et al. Self-Medication Practices and Risk Factors for Self-Medication among Medical Students in Belgrade, **Serbia.PlosOne**, [s.l.], v. 9, n. 12, p.01-14, 2014.

MARTINEZ, J. E. et al. Estudo da automedicação para dor musculoesquelética entre estudantes dos cursos de enfermagem e medicina da Pontifícia Universidade Católica - São Paulo. **Revista Brasileira de Reumatologia**, v. 2, n. 54, p.90-4, 2014.

MORAES, L. G. M. et al. Automedicação em acadêmicos de Medicina. **Revista Sociedade Brasileira Clinica Medica**, v. 16, n. 3, p. 167-170, 2018.

NAVES, J. O. S. et al. Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n. 1, p. 1751-1762, 2010.

NARCISO, A. P. S. Prevalência da Automedicação nos Alunos do Mestrado Integrado em Ciências Farmacêuticas da ULHT. 2013. 64 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Farmácia, Ciências Farmacêuticas, **Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia**, Lisboa, Portugal, 2013.

OLIVEIRA, B. M. C. et al. Automedicação entre Estudantes universitários. *In*: Encontro Internacional de Produção Científica, XI EPCC, 2019, Maringá (PR), **Anais Eletrônicos**, 2019. Maringá: Even3, 2019. Disponível em: [www.even3.com.br/Anais/epcc2019/188389-AUTOMEDICACAO-ENTRE-ESTUDANTES-UNIVERSITARIOS](http://www.even3.com.br/Anais/epcc2019/188389-AUTOMEDICACAO-ENTRE-ESTUDANTES-UNIVERSITARIOS). Acesso em: 16/11/2020

PACHELLI, C. A. A propaganda de medicamentos e a prática da automedicação no Brasil. **Revista de Administração Pública**, v. 37, n. 2, p. 409-426, 2003.

PATIL, S.B. et al. Self-Medication Practice and Perceptions Among Undergraduate Medical Students: A Cross-Sectional Study. **Journal Of Clinical And Diagnostic Research**, [s.l.], v. 8, n. 12, p.20-23, 2014.

QUINTAL, C; SARMENTO, M; RAPOSO, V. Fatores Explicativos do Consumo de Medicamentos Não Sujeitos a Receita Médica em Portugal. **Acta Farmacêutica Portuguesa**, v. 4, n. 1, p.53-66, 2015.

RIOS, M. F. et al. Perfil da Automedicação dos Alunos de Uma Escola Técnica do Sul de Minas Gerais. **Unincor: Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 11, n. 2, p.420-431. 2013.

SILVA, R. C. G. et al. Automedicação em acadêmicos do curso de medicina. **Revista Medicina da USP Ribeirão Preto**, v.1, n.45, p.5-11, 2012.

SILVA, L. B.; PIVETA, L. N. Consumo de medicamentos e prática da automedicação por acadêmicos da área de saúde da Universidade Estadual de Londrina. **Revista Espaço para a Saúde**, v.16, n.2, p.27-36, 2015.



SILVA, M. M. et al. O uso crônico de anti-inflamatórios não-esteroidais e seus efeitos adversos. **Cadernos da Medicina-UNIFESO**, v. 2, n. 2, 2019.

SOUSA, L. A; SENA, C.F.A. Automedicação entre universitários dos cursos de graduação na área da saúde na FCV- Sete Lagoas: influência do conhecimento acadêmico. **Faculdade Ciências da Vida, Sete Lagoas – MG**, 2016.

SOUZA, L. A. F. et al. Prevalência e caracterização da prática de automedicação para alívio da dor entre estudantes universitários de enfermagem. **Revista Latino-americana de enfermagem**, v. 19, n. 2, p. 1-7, 2011.

SOUZA, M. A.; HOELLER, B.; GOETZ, E. Estudo Comparativo da Automedicação Praticada Por Estudantes dos Cursos das Áreas de Ciências da Saúde, Humanas, Exatas e Sociais Da Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC. **Infarma Ciências Farmacêuticas: Conselho Federal de Farmácia**, v. 27, n. 2, p.142- 148, 2015.

TOGNOLI, T. A. et al. Automedicação entre acadêmicos de medicina de Fernandópolis – São Paulo. **J. Health Biol Sci**. v. 7, n. 4, p. 382-386, 2019.

VITOR, R. S. et al. Padrão de consumo de medicamentos sem prescrição médica na cidade de Porto Alegre. **Ciência saúde coletiva**, v. 13, p. 737-743, 2008.

**APÊNDICE 1:TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO  
(TCLE)**

**AUTOMEDICAÇÃO ENTRE OS ESTUDANTES DE MEDICINA DE UMA  
INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR DE ANÁPOLIS-GO**

Prezado participante,

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa “AUTOMEDICAÇÃO ENTRE OS ESTUDANTES DE MEDICINA DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR DE ANÁPOLIS-GO”.

“Desenvolvida por Ana Carolina Caixeta Costa, Carla Cristina Ferreira Costa, Fernanda Chaves Silva, Gabriela Ramos Ribeiro e Lays Barros de Faria, discente de Graduação em medicina do Centro Universitário UniEVANGÉLICA, sob orientação da Professora Dra Luciana Caetano Fernandes.”

O objetivo central do estudo é identificar a incidência da automedicação entre os estudantes do curso de medicina de uma instituição de ensino superior de Anápolis.

O convite a sua participação se deve aos alunos matriculados no curso de medicina do Centro Universitário de Anápolis, UniEvangélica com idade igual ou superior a 18 anos.

Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas, garantindo o sigilo a elas. Além disso, nos comprometemos a divulgar somente os resultados da pesquisa na sua totalidade, e nunca com caráter individual associando-os a você. Garantimos a você que, em momento algum, haverá registro de imagem ou áudio seu, nem na forma de fotografias. Garantimos também que o questionário será enumerado para salvaguardar o anonimato dos participantes.

Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados

da pesquisa e o material armazenado em local seguro. Você não será identificado em nenhum momento da pesquisa, bem como suas respostas. Será garantido completo anonimato, pois seu nome será substituído por códigos numéricos.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

A sua participação consistirá em responder perguntas de um roteiro de entrevista/questionário à pesquisadora do projeto. Sua participação se dará em uma única etapa: 1) responder um questionário com perguntas de marcar X nos itens contemplados correlacionados com a automedicação. Vocês estão sendo abordados e convidados a participar da pesquisa em intervalos de aula, sendo previamente explicado do que se tratava. Aos que aceitarem, convidaremos para entrar em uma sala vazia e serão entregues os questionários em que o aluno terá até 10 minutos para realização do mesmo.

Os questionários serão armazenados, mas somente terão acesso às mesmas a pesquisadora e sua orientadora. Elas serão arquivadas em armário seguro, trancados à chave, sob responsabilidade e acesso restrito à pesquisadora responsável.

“Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução 466/12 e orientações do CEP/UniEVANGÉLICA”.

O benefício (direto ou indireto) relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa é o de contribuir para melhorar os dados disponíveis a respeito do grau de conhecimento teórico da automedicação nos alunos de medicina. Esses resultados servirão de subsídio para identificar possíveis motivações que tem levado a automedicação nesses graduandos. Além disso, será disponibilizado uma cartilha com o intuito de conscientizá-los a respeito dos efeitos da automedicação.

Os resultados serão divulgados em palestras dirigidas ao público participante, relatórios individuais para os entrevistados, artigos científicos e na dissertação/tese.

---

Assinatura do Pesquisador Responsável – (Inserção na) UniEVANGÉLICA

*Contato com o(a) pesquisador(a) responsável: Luciana Caetano Fernandes*  
*Telefone: (62)98197-9526*

Endereço: Avenida Universitária, Km 3,5 Cidade Universitária UF:GO  
Município:ANÁPOLIS CEP: 75083-515 Telefone: (62) 3310-6736

E-Mail: [cep@unievangelica.edu.br](mailto:cep@unievangelica.edu.br)

**APÊNDICE 2: CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO PARTICIPANTE DE PESQUISA**

Eu, \_\_\_\_\_ RG nº \_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo voluntariamente em participar do estudo acima descrito, como participante. Declaro ter sido devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador \_\_\_\_\_ sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios envolvidos na minha participação. Foi-me dada a oportunidade de fazer perguntas e recebi telefones para entrar em contato, a cobrar, caso tenha dúvidas. Fui orientado para entrar em contato com o CEP - UniEVANGÉLICA (telefone 3310-6736), caso me sinta lesado ou prejudicado. Foi-me garantido que não sou obrigado a participar da pesquisa e posso desistir a qualquer momento, sem qualquer penalidade. Recebi uma via deste documento.

Anápolis, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_,

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante da pesquisa

Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

***Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UniEVANGÉLICA:***

Tel e Fax - (0XX) 62- 33106736

E-Mail: [cep@unievangelica.edu.br](mailto:cep@unievangelica.edu.br)

**APÊNDICE 3: CARTILHA**

## Automedicação

**Conceito:**

É o ato de tomar remédios por conta própria, sem orientação médica.

**Preocupações gerais:**

O uso de medicamentos de forma incorreta pode acarretar o agravamento de uma doença, uma vez que pode esconder determinados sintomas. Se o remédio for antibiótico, a atenção deve ser sempre redobrada, pois o uso abusivo pode facilitar o aumento da resistência de microorganismos, comprometendo o tratamento. Além disso, temos a combinação inadequada de fármacos. Neste caso, o uso de um medicamento pode anular ou potencializar o efeito do outro.

**Consequências:**

- Reações alérgicas
- Dependência
- Intoxicação
- Resistência aos medicamentos
- Efeitos colaterais específicos do fármaco utilizado
- Pode levar a morte

**Causas da automedicação:**

- A variedade de produtos fabricados pela indústria farmacêutica
- A facilidade de comercialização de remédios e a própria cultura
- Comodidade assimilada pela sociedade que vê na farmácia um local onde se vende de tudo
- A grande variedade de informações médicas disponíveis, sobretudo em sites, blogs e redes sociais

Fonte: [http://bvsmssaude.gov.br/bvs/dicas/255\\_automedicacao.html](http://bvsmssaude.gov.br/bvs/dicas/255_automedicacao.html)



**ANEXO 1:** Questionário teórico da automedicação em estudantes de medicina**Período:** 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12**Sexo:**  F  M**Idade:**  inferior a 18 anos  entre 18 e 24 anos  acima de 24 anos**Renda familiar:**  1 salário mínimo  2- 4 salários mínimos  acima de 4 salários mínimos**Questionário:**

1. Já usou ou comprou medicamento sem receita médica:  sim  não
2. Medicamento era para uso?  próprio  outro membro da família  ambos ou outra pessoa
3. Já aconselhou-se com o balconista ou farmacêutico para comprar a medicação?  sim  não
4. Aconselhou-se com terceiros?  pais  outros familiares  amigos  conhecidos
5. Já se baseou em receitas médicas antigas?  sim  não
6. Em caso afirmativo, essas receitas eram:  suas  pais  outros familiares  amigos  conhecidos
7. O medicamento comprado/usado necessitava de apresentação obrigatória de receita médica?  sim  não
8. Por qual motivo/ocasião fez uso da medicação?  alívio da dor  infecção ou inflamação da garganta  gripe ou resfriado  cólicas  ansiedade  alergia  outros motivos
9. Assinale quais medicamentos você já se automedicou:
  - Contraceptivos orais
  - Corticóides sistêmicos (via oral)
  - Analgésicos/antitérmicos
  - Corticóides nasais (sprays)

- Antialérgicos/anti-histamínicos
- Descongestionantes/vasoconstritores
- Anti-inflamatórios
- Gotas otológicas (para ouvidos)
- Xaropes para tosse
- Remédios para resfriado/gripes
- Antiasmáticos
- Antibióticos
- Antidepressivos, ansiolíticos
- Antieméticos

- 10.** Durante quanto tempo fez uso da medicação?  1 dia  3-5 dias  mais de 5 dias
- 11.** Seguiu as instruções da bula?  sim  não
- 12.** Quando foi a última consulta médica?  menos de 1 semana  entre 1 semana e 1 mês  entre 1 a 3 meses  mais de 3 meses
- 13.** Você tem conhecimento acerca dos efeitos da automedicação?  sim  não
- 14.** Houve alguma implicação com o uso da medicação?  efeitos colaterais  melhora do quadro  piora do quadro  nenhum efeito



## ANEXO 2: Parecer do Comitê



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** Automedicação entre os estudantes de medicina de uma instituição de ensino superior de Anápolis-GO

**Pesquisador:** LUCIANA CAETANO FERNANDES

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 25256919.2.0000.5076

**Instituição Proponente:** Centro Universitário de Anápolis - UnieVANGÉLICA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 3.851.587

**Apresentação do Projeto:**

Conforme número do Parecer: 3.730.151.

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo geral

Identificar a incidência da automedicação entre os estudantes do curso de medicina de uma instituição de ensino superior de Anápolis.

**Objetivos específicos**

Caracterizar o perfil sócio-demográfico dos estudantes de medicina que se automedicam;

Identificar os principais medicamentos utilizados;

Comparar entre os diferentes períodos de graduação a proporção da automedicação;

Identificar o nível de conhecimento sobre a automedicação nos diferentes períodos.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Conforme número do Parecer: 3.730.151.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Conforme número do Parecer: 3.730.151.

Endereço: Av. Universitária, Km 3,5  
 Bairro: Cidade Universitária CEP: 75.063-515  
 UF: GO Município: ANAPOLIS  
 Telefone: (62)3310-6736 Fax: (62)3310-6636 E-mail: oep@unievangelica.edu.br



Continuação do Parecer: 3.051.987

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

De acordo com as recomendações previstas pela RESOLUÇÃO CNS No. 466/2012 e demais complementares o protocolo permitiu a realização da análise ética. Todos os documentos listados abaixo foram analisados.

**Recomendações:**

Não se aplica.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Lista de pendências

**PENDÊNCIA 1.** Esclarecer onde os discentes responderão ao instrumento de coleta de dados. **ANÁLISE:** Na página 21, no item 6.3 do documento TCCfinal.docx foi corrigido o primeiro parágrafo, como descrito: O estudo será realizado por meio de uma coleta de dados a partir da aplicação de um questionário modificado (Anexo I) para os alunos do 1º ao 8º período do curso de medicina, os quais terão que preencher o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os alunos responderão as perguntas dentro da sala de aula durante os intervalos das aulas. Os resultados serão baseados somente nos casos com os termos assinados, mantendo a privacidade individual de cada participante. **PENDÊNCIA ATENDIDA.**

**PENDÊNCIA 2.** Esclarecer de que maneira os acadêmicos do curso de medicina serão abordados, conforme foi descrito no Projeto Detalhado. **ANÁLISE:** Na página 1 do documento TCLE.docx foi corrigido o quarto parágrafo da página 1, como descrito: O convite a sua participação se deve aos alunos matriculados no curso de medicina do Centro Universitário de Anápolis, UniEvangélica com idade igual ou superior a 18 anos. Os alunos serão abordados antes das aulas e convidados a responderem os questionários relativos à pesquisa em uma sala de aula vazia. Na página 22 do documento TCCfinal .docx foi corrigido o parágrafo do item 6.4, como descrito: Como critérios de inclusão dos participantes do estudo e para garantir a amostra, estabeleceu-se que os participantes teriam que ter idade igual ou superior a 18 anos e ser estudante de medicina do Centro Universitário de Anápolis, UniEvangélica. Foram excluídos da participação deste estudo alunos que responderam o questionário incompleto. Os estudantes serão abordados e convidados a participar da pesquisa em intervalos de aula, sendo previamente explicado do que se tratava. Os alunos serão abordados e convidados a responderem ao questionário antes das aulas administradas. Aos que aceitarem participar serão convidados para entrar em uma sala de aula vazia para preencher esses questionários. Aos que aceitarem serão entregues os questionários em

Endereço: Av. Universitária, Km 3,5		CEP: 75.083-615
Bairro: Cidade Universitária		
UF: GO	Município: ANAPOLIS	
Telefone: (62)3310-6726	Fax: (62)3310-6636	E-mail: cep@unievangelica.edu.br



Continuação do Parecer: 3.051.907

que o aluno terá até 10 minutos para realização do mesmo. PENDÊNCIA ATENDIDA.

PENDÊNCIA 3: A pendências 1 deverá ser esclarecida e apresentada também no TCLE.

ANÁLISE: Na página 2 do documento TCLE.docx foi corrigido o parágrafo quatro, como descrito: O convite a sua participação se deve aos alunos matriculados no curso de medicina do Centro Universitário de Anápolis, UnEvangélica com idade igual ou superior a 18 anos. Os alunos responderão as perguntas dentro da sala de aula durante os intervalos das aulas. O tempo de duração da entrevista é de aproximadamente uma hora, e do questionário aproximadamente dez minutos. PENDÊNCIA ATENDIDA.

PENDÊNCIA 4: Os pesquisadores descreveram no TCLE: "A sua participação consistirá em responder perguntas de um roteiro de entrevista/questionário à pesquisadora do projeto. Sua participação se dará em uma única etapa: 1) responder um questionário com perguntas de marcar X nos itens contemplados correlacionados com a automedicação. O tempo de duração da entrevista é de aproximadamente uma hora, e do questionário aproximadamente dez minutos". Portanto, necessário esclarecer se os participantes da pesquisa responderão a uma entrevista ou apenas ao questionário. Caso, sejam entrevistados também, os pesquisadores deverão apresentar um roteiro para a entrevista, o qual deverá ser incluído no Projeto Detalhado, na Plataforma Brasil, no TCLE. Esta solicitação se justifica pelo fato de que cada uma destas estratégias de pesquisa apresentarem riscos distintos que devem ser antevistos e minimizados. ANÁLISE: Na página 2 do documento TCLE.docx foi corrigido o terceiro parágrafo, como descrito: A sua participação consistirá em responder perguntas de um questionário à pesquisadora do projeto. Sua participação se dará em uma única etapa: responder um questionário com perguntas de marcar X nos itens contemplados correlacionados com a automedicação. Na página 2 do documento TCLE.docx foi corrigido o quarto parágrafo, como descrito: Os alunos responderão as perguntas dentro da sala de aula durante os intervalos das aulas. O tempo de duração do questionário aproximadamente dez minutos. PENDÊNCIA ATENDIDA.

#### Considerações Finais a critério do CEP:

O pesquisador responsável atende todas as orientações da construção de um projeto de pesquisa e da Resolução CNS 466/12 e complementares.

Endereço:	Av. Universitária, Km 3,5		
Bairro:	Cidade Universitária	CEP:	75.083-515
UF:	GO	Município:	ANAPOLIS
Telefone:	(62)3310-6736	Fax:	(62)3310-6636
		E-mail:	cep@unievangelica.edu.br

Página 03 de 04



Continuação do Parecer: 3.051.987

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1465272.pdf	13/02/2020 13:29:48		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	13/02/2020 13:29:30	LUCIANA CAETANO FERNANDES	Aceito
Outros	Outros.docx	13/02/2020 13:29:22	LUCIANA CAETANO FERNANDES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	TCCfinal.docx	13/02/2020 13:19:59	LUCIANA CAETANO FERNANDES	Aceito
Declaração de Pesquisadores	termo.pdf	06/11/2019 15:37:54	LUCIANA CAETANO FERNANDES	Aceito
Folha de Rosto	Folha.pdf	06/11/2019 15:36:24	LUCIANA CAETANO FERNANDES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

ANAPOLIS, 20 de Fevereiro de 2020

Assinado por:  
Brunno Santos de Freitas Silva  
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Universitária, Km 3,5  
 Bairro: Cidade Universitária CEP: 75.083-515  
 UF: GO Município: ANAPOLIS  
 Telefone: (62)3310-6736 Fax: (62)3310-6636 E-mail: cep@unievangelica.edu.br